

HOMEM VERSUS ENGENHO DE GUERRA

NO instante em que o homem prendeu à sua maça uma pedra afiada com a idéia de, com o menor esforço, liquidar seu adversário, criou-se o primeiro problema de engenharia militar. A partir de então, através dos tempos, os inventos militares se sucederam, como consequência da ânsia que domina o Homem de descobrir a "ARMA DAS ARMAS", que dê àquele que a possuir a certeza de, com o mínimo de desgaste de suas forças, impor sua vontade ao inimigo.

Foi, assim, que o maior alcance e velocidade da "artilharia" de arco e flecha aprofundou o campo de batalha e conduziu ao aparecimento das armas de propulsão, maiores e mais poderosas: a catapulta; a besta, com um projétil tão terrível, que se acreditava, na época, poria fim às guerras e, finalmente, o arco inglês que, de fato, acabou com o "blindado humano" — o cavaleiro de armadura.

Com o advento da era dos explosivos, surgiram condições inteiramente novas. Os explosivos desenvolveram-se lentamente e, com esse progresso, novas armas apareceram, criando problemas no campo de batalha, para os quais o homem sempre encontrou uma solução adequada.

O desenvolvimento industrial, por sua vez, provocou nova revolução no pensamento militar, com o aparecimento de inventos, nem sempre imediatamente aproveitados.

Assim, por exemplo, quando Stephenson, em 1825, construiu sua primeira locomotiva — que mais tarde iria representar papel tão importante na evolução da arte da guerra — muitos cientistas de renome afirmavam que o organismo humano não podia suportar uma velocidade superior a 38 km.

No começo de nosso século, alguns técnicos

militares tinham dúvida quanto à utilidade da metralhadora, pois imaginavam ser impossível remuniá-la satisfatoriamente. Outros, por sua vez, iam a extremo oposto, afirmando que, como a metralhadora podia dar 300 tiros por minutos — na época a capacidade de fogo de 30 fuzileiros — seria possível substituir 30 homens por uma daquelas armas. Sabemos que nenhuma das duas correntes estava com a razão. Os acontecimentos provaram que, embora na Guerra de 14/18 a metralhadora se transformasse numa das armas mais importantes do campo de batalha, o papel principal continuou a ser representado por massas de infantaria.

Foi na Rússia que o Deus da Guerra abandonou Hitler. O atraso consequente da ação nos Balcãs fez com que se perdessem quatro preciosas semanas do verão, fatais para os alemães.

Por isso, quando, em outubro, as condições meteorológicas repentinamente mudaram e a neve começou a cair dia e noite, transformando as estradas em lodaçais e impedindo a ação da Luftwaffe, todas as viaturas, como que obedecendo a uma ordem secreta, ficaram imobilizadas. As lagartas dos carros de combate não se fixavam no solo e as rodas dos caminhões enterravam-se até os eixos. Era a estação da lama, que fazia com que todos os aperfeiçoamentos da técnica falhassem e obrigassem o Homem a lançar mão dos meios mais rudimentares de transporte para alimentar os exércitos. Só os psicológica e fisicamente capazes puderam sobreviver. Mais uma vez, o Homem fazia mudar o destino das armas.

Ainda no Teatro de Operação Europeu, vamos encontrar outro exemplo do valor do Homem ante as máquinas de guerra. Este exemplo nos foi dado pelos ingleses; mais precisamente, pelos habitantes de Londres, atacados implacavelmente

pelas bombas voadoras V1 e V2. A todos os ataques, aquela população respondeu com valentia e estoicismo, deixando o adversário desmoralizado. Faltava a este a capacidade de executar o ato final de seus ataques — a manutenção de suas conquistas.

No Japão, afinal, pareceu haver o homem descoberto a "ARMA DAS ARMAS". Com as bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, teve-se a impressão de que o problema das guerras estava resolvido e que a rendição incondicional do aguerrido povo japonês era a melhor prova disso. Esquecia-se, porém, sabemos isso agora, que antes dos lançamentos aquele país já se preparava para negociar um armistício.

As primeiras explosões atômicas, de fato, conduziram o pensamento militar ocidental para canais extremos.

Houve, realmente, um período, imediatamente após a guerra, durante o qual teria sido possível, com o lançamento de algumas bombas atômicas — apoiadas naturalmente por forças terrestres — fazer um conflito chegar rapidamente a seu fim. Esta oportunidade, todavia, passou e, mais uma vez, a era da guerra de apertar botões teve seu início adiado. O Homem continuaria, como máquina de guerra, a ter papel preponderante no campo de batalha, como provam os acontecimentos militares que se sucederam.

O aperfeiçoamento das armas nucleares e o aparecimento das armas nucleares táticas determinaram transformações substanciais na organização das forças militares do Mundo Livre, particularmente dos norte-americanos.

Tais transformações não haviam ainda sido concretizadas, quando teve início a Guerra da Coreia, que trouxe amargas experiências para o Exército daquele povo amigo.

Lá, novamente, o valor do Homem ficou sobejamente demonstrado. Nequêle teatro de Operações os americanos sofreram os efeitos de uma permanência prolongada ao frio intenso, da exaustão causada pelos repetidos ataques morro acima, da intensa sensação de isolamento nas posições defensivas, à noite, e das contínuas falhas do armamento causadas pela umidade e a ferrugem.

Inicialmente despreparados, pois suas primeiras forças eram constituídas por jovens inte-

grantes de unidades das forças de ocupação do Japão, tiveram os norte-americanos que enrijecer-se no fragor da luta, contra um adversário valente, frugal, numeroso, cheio de ódio e perfeito conhecedor do terreno em que combatia.

A experiência da Coreia chamou a atenção dos responsáveis pelas Forças Armadas Norte-americanas para a maior importância da preparação física e psicológica de seus combatentes, já que os relatórios apontavam como causa principal do alarmante número de baixas e prisioneiros de guerra, a incapacidade de o soldado americano resistir aos rigores do combate em terreno acidentado e sob condições climáticas desfavoráveis.

Nos anos que se sucederam ao conflito coreano, com o aperfeiçoamento dos mísseis, o MISSIL BALÍSTICO INTERCONTINENTAL, com ogiva nuclear, foi considerado a ARMA DAS ARMAS. Os acontecimentos na Argélia e no Vietnã, vieram demonstrar não ser esta a verdade.

O conceito de que o homem é a arma final da guerra é, desse modo, muito mais aceito hoje do que há alguns anos atrás.

Se isto é verdadeiro no que diz respeito aos povos superiormente desenvolvidos, mais se justifica ainda nos exércitos mais pobres, como é o caso do Brasileiro, cujo material está bem aquém do que seria de desejar.

Precisamos, assim, de combatentes capazes de suportar as condições mais duras do combate, clima e terreno, além de estarem psicologicamente preparados.

Daí, surge a importância da missão principal desta Escola para as Forças Armadas Brasileiras, qual seja a de instruir aqueles que terão a seu cargo a tarefa árdua de preparar fisicamente a peça mais importante com que contaremos na eventualidade de uma guerra — o Homem Brasileiro.

Continua, assim, a Escola de Educação Física do Exército a perseguir, firme, ardorosa, enérgica e patrioticamente o grande objetivo que determinou, há mais de trinta anos, sua criação: o de desenvolver as qualidades físicas e morais do COMBATENTE BRASILEIRO.

Cel. Hermann Bergquist